



FILMES
QUE AMO
— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL SEGUNDA 03 MAIO 2021 - 19H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO (entrada livre)

LOLITA

Título original: Lolita

Realização: Stanley Kubrick (EUA, 1962)

EU E KUBRICK

“Eu e Kubrick” pode parecer um título pretensioso. Pois, se calhar é. Mas já vos explico a razão do mesmo.

Em inícios da década de 80, Stanley Kubrick andava entusiasmado com a perspectiva de adaptar ao cinema excertos de “A Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto”, e também com a viagem de Vasco da Gama à Índia. Cheguei a receber dele cartas (ver em anexo uma delas) procurando informar-se sobre possíveis condições de filmagem em Portugal. Dissera-me que vira a “Manhã Submersa” num qualquer festival que agora não recordo (talvez Edimburgo, pois ele habitava em Londres há já vários anos), que sabia ser eu também produtor, e procurava recolher dados.

Sei que, depois de um convite meu para ele vir a Portugal, recusou com a desculpa que não gostava muito de andar de avião (dizem que tinha pavor e se recusava a entrar num avião, o que o levou a instalar-se de armas e bagagens em Inglaterra, para raras saídas, e quase nunca aos EUA, sua terra natal, de que se afastara, amargurado). Depois de alguma troca de correspondência e telefonemas, o projecto parece ter ido por água abaixo, ainda que eu tenha transferido os contactos para um outro produtor português de maiores recursos, e mais familiarizado com as co-produções internacionais (na altura falei-lhe de António da Cunha Telles e Tino Navarro). Mas a megalomania de Kubrick, o seu lado excessivo, o gosto pelo experimentalismo técnico (famosa a película por si utilizada em “Barry Lyndon”, inventada para o efeito, para permitir filmar à luz das velas...) ficam bem testemunhados.

E foi esta a minha história com Stanley Kubrick.

STANLEY KUBRICK

Dear Mr. Lauro Antonio,

Thank you very much for your very kind letter of 30th December, 1982 which provided me with some extremely helpful information.

I wonder whether I might further impose on your great kindness and ask a few more questions?

1. Would it be possible for you to send me the names and address of who you regard as the five best Portuguese Production Managers, Directors of Photography and Art Directors. It is not important whether they speak English. The Production Manager should be experienced, energetic and well organised.

After I have your list of the Directors of Photography I can, of course, look at their films and make a judgement. The Art Directors should be well suited to doing what is primarily an outdoor location film. They should have good artistic taste and judgement, be energetic, and, perhaps most importantly, have an encyclopedic knowledge of the countryside.

2. Could you make a guess as to the salaries which would be paid today by a major Portuguese film, to the best and most experienced technicians?

Director of Photography / Production Manager / Art Director / 1st Assistant Director / Electrician / Carpenter / Painter / Camera operator / Sound Recordist .

If I know these salaries, I can guess what the others would be approximately.

Again my grateful thanks for your help.

Yours sincerely,

Stanley Kubrick

(27 de janeiro, de 1983)



LOLITA

Baseado num romance de Vladimir Nabokov, que foi “best-seller” durante alguns anos, e se transformou rapidamente num clássico da literatura, justificando as mais descontraídas repercussões, “Lolita”, de Stanley Kubrick, chegou a Portugal com cerca de onze anos de atraso. Realizado em 1961, aquando da sua estreia entre nós dividiu os críticos, tendo muitos deles acusado Kubrick de atrair o interesse primordial do romance, transformando o relato subjectivo do protagonista (Humbert Humbert) numa ficção objectiva que reparte o seu interesse por várias figuras, ainda que dispostas em

redor de H. H.

Se é verdade que Kubrick, ao adaptar a obra literária ao cinema, assim procedeu, não é menos verdade que a sua leitura de “Lolita” justifica inteiramente o maior apreço, tratando-se obviamente de uma das mais importantes e sugestivas realizações cinematográficas de todo o cinema americano, durante a década de 60.

História de um amor louco, demoníaco e perverso, “Lolita” surge no cinema quase em simultâneo com “Lilith”, de Robert Rossen. Em ambos os filmes, a psicanálise adquire uma importância decisiva e julgamos, pela reacção de certos sectores da crítica da época, que esta não foi particularmente tocada por alguns aspectos das duas obras, aspectos esses que, hoje em dia, assumem um significado fascinante e extremamente significativo. Mas o filme de Kubrick não oferece unicamente esta via de aproximação. Inteligentemente (outra coisa não seria de esperar do autor !), Kubrick não deixou nunca que os seus personagens se desligassem de uma realidade humana e social que lhes condicionava os desejos. Por detrás de figuras como as de Humbert Humbert, de Lolita, de Quitty e de Charlotte Haze, aparece-nos toda a sociedade americana, a cuja crítica Kubrick não quis esquivar-se.

Uma pequena cidade da província, uma burguesia que se afirma liberal, e se comporta num esquema de valores do mais inequívoco reacçãoarismo, tudo isto nos surge em “Lolita”-filme de forma bem esboçada, com anotações de vigorosa observação crítica, ainda que expressas a um nível de virulento e cruel humor. Sobretudo o tratamento dado à figura de Charlotte (mãe de Lolita, viúva, cercada de preconceitos numa comunidade de pequenos burgueses, sentindo dentro de si uma solidão e uma avidez emocional e sexual que não consegue disfarçar) é notável de sobriedade e rigor, oscilando entre uma tentativa de compreensão e a denúncia de uma mentalidade. Causa e consequência de uma moral estabelecida, causa e consequência de condições sociais bem determinadas...

Será neste ambiente, onde a transgressão é invariavelmente reprimida (ou só aceite quando mascarada, disfarçada), que um professor universitário se deixará subjugar pelo desejo incontrolável por Lolita, uma “nymphette” a que Sue Lyon empresta um contorno físico talvez excessivo em relação aos treze anos requeridos pelo romance de Nabokov. Este desejo intenso, este amor enlouquecido irá não só conduzir à solidão e à mais negra decrepitude moral o professor H. H., como servirá também de rastilho a um certo tipo de reacções que definem um estatuto moral e social vigente na América nos anos 50 (época durante a qual decorre a acção do livro e do filme). Quanto a Lolita, ela será um misto de perversidade e inocência, uma explosiva combinação de inconsciência e sensualidade. Sobre este aspecto contraditório de Lolita irá exercer-se o fascínio de Humbert Humbert, um homem de cinquenta anos, que recorre ao diário como confidente para as suas inconfessáveis paixões, até ao dia em que consegue finalmente possuir (ou deixar-se possuir) pela sofreguidão de um corpo adolescente. Em paralelo com o seu amor, em simultâneo com o desejo, H. H. deixará crescer o ciúme, implacável e possessivo. Humbert Humbert fugirá com Lolita, de cidade em cidade, até atingir o paroxismo, até ao dia em que Lolita se liberta da sua influência, até ao dia em que ela fugirá do quarto de um hospital com Quitty, um novo conquistador.

Kubrick iniciou o seu filme por uma sequência de ressonâncias fantásticas, durante a qual H. H. procura Quitty e o assassino. Este encontro de



dois fantasmas, em profunda decadência, irá definir e dar um sentido a todo o desenrolar do filme, marcado também por meia dúzia de portentosos actores (entre eles, James Mason, Peter Sellers, Sue Lyon, Shelley Winters...) e pela fotografia, baça e deliberadamente cinzenta, de um mestre da câmara (Oswald Morris).

Visto muitos anos depois de estreado internacionalmente, "Lolita" mantém o nome de Kubrick entre os mais importantes cineastas do cinema moderno. Uma obra ímpar, repassada por uma respiração erótica e um clima pesado e doentio, de um rigor inexcelável. Uma visão desencantada da burguesia americana e da mediocridade de um doloroso quotidiano, descrito através de personagens carregadas de um passado magoado e de um futuro sem horizontes, fechadas num presente claustrofóbico.

Mais tarde, em 1997, haveria de sair uma nova adaptação do romance de Nabokov, dirigida por Adrian Lyne e escrita por Stephen Schiff. O elenco era constituído por Jeremy Irons (Humbert Humbert), Dominique Swain (Dolores "Lolita" Haze), ainda Melanie Griffith e Frank Langella. Teve muitas dificuldades na sua difusão internacional (os tempos eram outros e a história tinha contornos de pedofilia) e a qualidade da obra era bastante inferior à de Kubrick.



LOLITA

Título original: Lolita

Realização: Stanley Kubrick (EUA, 1962);
Argumento: Vladimir Nabokov, Stanley Kubrick, segundo romance de Vladimir Nabokov; **Música:** Bob Harris (tema de Lolita), Nelson Riddle; **Fotografia (p/b):** Oswald Morris; **Montagem:** Anthony Harvey; **Casting:** James Liggat; **Direcção artística:** William C. Andrews; **Guarda Roupa:** Gene Coffin; **Maquilhagem:** Betty Glasow, George Partleton; **Direcção de produção:** Raymond Anzarut, Robert Sterne; **Assistentes de realização:** René Dupont, Dennis Stock; **Departamento de Arte:** Syd Cain, Peter James, Andrew Low; **Som:** H.L. Bird, Winston Ryder, Len Shilton; **Produção:** James B. Harris, Eliot Hyman;
Intérpretes: James Mason (Professor Humbert

Humbert), Shelley Winters (Charlotte Haze), Sue Lyon (Dolores 'Lolita' Haze/Mrs. Richard Schiller), Peter Sellers (Clare Quilty), Gary Cockrell (Dick Schiller), Jerry Stovin (John Farlow), Diana Decker (Jean Farlow), Lois Maxwell (enfermeira Mary Lore), Cec Linder (físico), Bill Greene (George Swine), Shirley Douglas (Mrs. Starch), Marianne Stone (Vivain Darkbloom), Marion Mathie (Miss Lebone), James Dyrenforth (Frederick Beale Senior), Maxine Holden (recepcionista de hotel), John Harrison (Tom), Colin Maitland (Charlie Sednick), Terry Kilburn, C. Denier Warren, Roland Brand, Irvin Allen, Ed Bishop, Susanne Gibbs, Eric Lane, Isobel Lucas, Robert C. Overton, Craig Sams, Roberta Shore, etc.;

Duração: 152 minutos; **Distribuição em Portugal:** Columbia Filmes; **Estreia em Portugal:** Cinema Império (11-5-72); **Classificação etária:** M/ 18 anos.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL SEGUNDA 10 MAIO 2021
MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 19H00 (entrada livre)

LONGE DO PARAÍSO

Título original: "Far from Heaven"

Realização: Todd Haynes (EUA, 2002); m/12 ANOS | Duração: 107 minutos